

com os cinco pães. Ora, é manifesto que, por conversão de matéria, os grãos produzem colheitas abundantes.

Questão 45: DA TRANSFIGURAÇÃO DE CRISTO.

Em seguida devemos tratar da transfiguração de Cristo. E nesta questão discutem-se quatro artigos:

Art. 1 — Se devia Cristo transfigurar-se

(cf. Mt 17, 1-13; Mc 9, 1-13; Lc 9, 28-36).

O primeiro discute-se assim. — Parece que não devia Cristo transfigurar-se.

1. — Pois, não pode um corpo verdadeiro, mas só um corpo fantástico, transformar-se em figuras diversas. Ora, o corpo de Cristo não era fantástico, mas verdadeiro, como se disse³⁶³. Logo, parece que não devia transfigurar-se.

2. Demais. — A figura é a quarta espécie de qualidade; e a glória, sendo uma qualidade sensível, é a terceira. Logo, o ter-se tornado Cristo glorioso não pode ler considerado transfiguração.

3. Demais. — Os corpos gloriosos têm os quatro dotes seguintes, como mais adiante se dará³⁶⁴: a impassibilidade, a agilidade, a subtileza e a luminosidade. Logo, não devia transfigurar-se tornando-se, antes, glorioso, que revestindo-se dos outros dotes.

Mas, em contrário, o Evangelho (Mt 17, 2): *E transfigurou-se diante dos seus três discípulos.*

SOLUÇÃO. — O Senhor, depois de haver anunciado a sua paixão aos discípulos, convidou-os a que lhe imitassem o exemplo. Ora, é necessário, para trilharmos bem um caminho, termos um conhecimento prévio do fim. Assim, o sagitário não lança com acerto a seta, senão mirando primeiro o alvo que deve alcançar. Por isso pergun-

tou Tomé, no Evangelho (Jo 14, 5): *Senhor, não sabemos para onde vais; e como podemos nós saber o caminho?* E isso, sobretudo é necessário quando o caminho é difícil e áspero, a jornada laboriosa, mas belo o fim. Ora, o fim de Cristo, na sua paixão, era alcançar não somente a glória da alma que, tinha desde o princípio da sua concepção; mas também a do corpo, segundo aquilo do Evangelho (Lc 24, 26) — *Importava que o Cristo sofresse estas causas e assim entrar na sua glória.* E a essa glória também conduz os que lhe imitam o exemplo da paixão, segundo a Escritura (At 14, 21): *Por muitas tribulações nos é necessário entrar no reino de Deus.* Por isso era conveniente que manifestasse aos seus discípulos a sua claridade luminosa; e tal é a transfiguração, que também concederá aos seus, segundo aquilo do Apóstolo (Fl 3, 21): *Reformará o nosso corpo abatido para o fazer conforme ao seu corpo glorioso.* Donde o dizer Beda³⁶⁵: *Foi consequência de uma pia providência que, tendo gozado por breve tempo da contemplação da felicidade eterna, tolerassem mais fortemente as adversidades.*

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Diz Jerônimo³⁶⁶, comentando o Evangelho: *Ninguém pense que Cristo, por dizer o Evangelho que se transfigurou, tivesse perdido a sua forma e figura natural, ou que lhe fosse substituído o corpo verdadeiro por outro, espiritual e aéreo. Mas o próprio evangelista explica a sua transfiguração, quando diz (Mt 17, 2): O seu rosto ficou refulgente como o sol e as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve. Com o que lhe manifesta o esplendor das faces e os luminosos das vestes; assim a substância do seu corpo não desapareceu, mas somente transformou-se pela glória.*

RESPOSTA À SEGUNDA. — A figura depende da extremidade dos corpos; pois, está compreendida no termo ou nos termos. Por onde, tudo o considerado em dependência das extremidades de um corpo de certo modo constituiu a figura. Ora, como

365 In Marc.

366 In Matth.

363 Q.5 a.1

364 Q.82 a q.85

a cor, também a luminosidade do corpo não transparente depende-lhe da superfície. Por isso, dizemos que está transfigurando o corpo revestido de luminosidade.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Dentre os quatro dotes referidos, só a luminosidade é uma qualidade da pessoa em si mesma; quanto aos outros três dotes, eles não são percebidos senão mediante um ato, movimento ou paixão. Ora, Cristo manifestou na sua pessoa certos sinais de ter os três dotes referidos: o da agilidade, quando andou sobre as ondas (Mt 14, 25; Lc 4, 29; Jo 8, 59); o da subtileza, quando nasceu do ventre virginal de Maria; o da impassibilidade, quando saiu ileso das mãos dos Judeus, que o queriam precipitar ou lapidar. Mas nem por isso diz o Evangelho que se transfigurasse, senão só quando se tornou luminoso, o que lhe respeita ao aspecto da pessoa.

Art. 2 — Se a referida luminosidade era gloriosa.

(In Sent. 3 d 16 q.2 a.2; In Mt. 17)

O segundo discute-se assim. — Parece que a referida luminosidade não era gloriosa.

1. — Pois, diz uma Glosa de Beda àquilo do Evangelho (Mt 17, 2) — *Transfigurou-se na presença deles: No seu corpo mortal, diz, mostra, não a imortalidade, mas a luminosidade semelhante à imortalidade futura.* Ora, a luminosidade da glória é a luminosidade da imortalidade. Logo, aquela luminosidade, que Cristo manifestou aos discípulos, era a luminosidade da glória.

2. Demais. — Aquilo do Evangelho (Lc 9, 27) — *Não hão de gostar a morte até não verem o reino de Deus* — diz a Glosa de Beda: isto é, a glorificação do corpo, numa representação imaginária da beatitude futura. Ora, a imagem de uma coisa não se confunde com esta. Logo, a referida luminosidade o era a da beatitude.

3. Demais. — Da luminosidade da glória só é susceptível o corpo humano. Ora, a luminosidade da transfiguração se manifestou não só no corpo de Cristo, mas também nas suas vestes e na nuvem lúcida que

obumbrou os discípulos. Logo, parece que essa luminosidade não era a da glória.

Mas, em contrário, àquilo de Mateus (Mt 17, 2). — *Transfigurou-se perante eles, diz Jerônimo: Tal como há de aparecer no dia do juízo, assim apareceu aos Apóstolos.* E àquele outro lugar do mesmo evangelista — *até que vejam o Filho do homem vir na gloria do seu reino* — diz Crisóstomo: *Querendo mostrar aquela glória, com a qual virá mais tarde, manifestou-se-lhes na vida presente, como podiam eles suportar, de modo que não viessem a se condoer com a morte do Senhor.*

SOLUÇÃO. — A luminosidade de que Cristo se revestiu na transfiguração foi a da glória, quanto ao modo de ser. Pois, a luminosidade do corpo glorioso deriva da luminosidade da alma, como diz Agostinho³⁶⁷. E semelhantemente a claridade do corpo de Cristo na transfiguração deriva da sua divindade, como diz Damasceno, e da glória da sua alma. E só por uma dispensa divina é que a glória da alma, que Cristo teve desde o princípio da sua concepção, não redundou no corpo, a fim de que consumasse num corpo passivo os mistérios da nessa redenção, como dissemos³⁶⁸. Mas isso não privou Cristo do poder de derivar a glória da alma para o corpo. E isso o fez quanto à luminosidade, na transfiguração. Mas de modo diferente que no corpo glorificado. Pois, no corpo glorificado redonda a luminosidade da alma, como uma qualidade permanente que afeta o corpo; por isso, o refulgir corporalmente o corpo glorioso não é nenhum milagre. Mas, para o corpo de Cristo, na transfiguração, derivou-lhe a luminosidade da sua divindade e da sua alma, não a modo de uma qualidade imamente e afectante do corpo em si mesmo, mas antes a modo de paixão transeunte, como quando o ar é iluminado pelo sol. Por isso, aquele fulgor de que então se revestiu o corpo de Cristo, foi miraculoso, como também o foi o fato de ter andado sobre as ondas do mar (cf. Mt 14, 25). Donde o di-

367 Ad Dioscorum.

368 O 14 q. 1 a. 2

zer Dionísio³⁶⁹: *Cristo pratica, com um poder sobre humano, atos que o homem pode praticar; como o demonstra o fato de ter a Virgem concebido sobrenaturalmente e o de ter a mobilidade da água sustentado o peso dos seus pés materiais e terrenos.* — E por isso não devemos admitir, como o ensina Hugo de S. Vitor, que Cristo assumiu o dote da luminosidade, na transfiguração; o dote da agilidade, quando andou sobre o mar; o dote da subtileza, quando nasceu do Ventre Virginal de Maria. Porque dote nomeia uma certa qualidade imanente do corpo glorioso. Cristo, porém, teve milagrosamente tudo o referente aos dotes. E o mesmo, se deu, quanto à alma, relativamente à visão pela qual Paulo viu a Deus num raptó, como dissemos na Segunda Parte³⁷⁰.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Das palavras citadas não se conclui que a luminosidade de Cristo não fosse a luminosidade da glória; mas, que irão foi a do Corpo glorioso, porque o corpo de Cristo ainda não era imortal. Pois, como por permissão divina a glória da alma de Cristo não lhe redundou para o corpo, assim, pela mesma dispensação, pode redundar-lhe quanto ao dote da claridade, e não quanto ao da impassibilidade.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Diz-se que a referida claridade ora imaginária, não por não ser a verdadeira claridade da glória, mas por ser uma imagem representativa da perfeição da glória, que tornará glorioso o corpo.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Assim como a claridade do corpo de Cristo, na transfiguração, representava a claridade futura desse mesmo corpo, assim a claridade das suas vestes designava a futura claridade dos santos, que será superada pela de Cristo, como o candor da neve o é pelo do sol. Por isso diz Gregório³⁷¹, que as vestes de Cristo se tornaram refulgentes, porque *na culminância da claridade superna, todos os santos unir-se-lhe-ão na refulgência da luz*

da justiça. E quanto às vestes, elas designam os justos que ele unirá a si, segundo aquilo da Escritura (Is 49, 18). — Quanto à nuvem lúcida, ela significa a glória do Espírito Santo, ou a *virtude paterna*, como diz Orígenes, pela qual os santos serão garantidos na sua glória futura. — Embora também com propriedade possa significar a claridade do mundo renovado, que será o tabernáculo dos santos. Por isso, quando Pedro se dispôs a fazer os tabernáculos, a nuvem lúcida obumbrou os discípulos.

Art. 3 — Se foram escolhidas testemunhas convenientes da transfiguração.

(In Mt. 17)

O terceiro discute-se assim. — Parece que não foram escolhidas testemunhas convenientes da transfiguração.

1. — Pois, cada um só pode testemunhar o que conhece. Ora, no tempo da transfiguração de Cristo, ninguém, a não ser os anjos, conhecia por experiência o que fosse a glória futura. Logo, testemunhas da transfiguração deviam ter sido antes os anjos que os homens.

2. Demais. — Testemunhas da verdade só podem ser pessoas reais e não fictícias. Ora, na transfiguração Moisés e Elias não estiveram presentes senão ficticiamente. Assim, àquilo do Evangelho (Lc 9, 30) — *Eis que ali estavam Moisés e Elias* — diz uma Glosa: *Devemos saber que Moisés e Elias não apareceram, nessa ocasião, em corpo e alma, mas com corpos formados numa criatura ocasional. E podemos crer também que isso foi feito por ministério angélico, de modo que os anjos lhes assumissem as pessoas.* Logo, não foram testemunhas convenientes.

3. Demais. — A Escritura diz (At 10, 43), que de Cristo *dão testemunho todos os profetas.* Logo, não somente Moisés e Elias deviam ter estado presentes como testemunhas, mas também todos os profetas.

4. Demais. — A glória de Cristo era prometida a todos os seus fiéis, nos quais quis

³⁶⁹ IV Ad Caium.

³⁷⁰ 2-2 q.175 a.3 ad 2

³⁷¹ XXXII Moral.

acender, pela sua transfiguração, o desejo dessa glória. Logo, não devia ter assumido só Pedro, Tiago e João como testemunhas da sua transfiguração, mas todos os discípulos.

Mas, em contrário, a autoridade da Escritura Evangélica (cf. Mt 17, 1; Mc 9, 1; Lc 9, 28).

SOLUÇÃO. — Cristo quis transfigurar-se, para mostrar a sua glória aos homens e para despertar-lhes o desejo dela, como dissemos³⁷². Ora, à glória da eterna beatitude os homens são levados por Cristo, não só os que existiram antes, como também depois dele. Por isso, quando caminhava para a sua paixão, tanto *as gentes que iam adiante, como as que iam atrás, gritavam dizendo — Hosana* (Mt 21, 9), como esperando dele a salvação. Por isso era conveniente que, dentre os que o precederam, estivessem como testemunhas Moisés e Elias; e dos que existiram depois, Pedro, Tiago e João, *para que por boca de duas ou três testemunhas ficasse confirmada essa palavra* (cf. Dt 19, 15).

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Isto, pela sua transfiguração, manifestou aos discípulos a glória do seu corpo, que só aos homens respeita. Por isso e convenientemente, foram trazidos como testemunhas dela, não anjos, mas homens.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Essa glosa considera-se como extraída do livro intitulado — *Dos milagres da Sagrada Escritura*, que não é um livro autêntico, mas falsamente atribuído o Agostinho. Por isso não devemos nos apoiar nela. Pois, Jerônimo diz expressamente³⁷³: *Devemos notar que aos escribas e aos fariseus, que lhe pediam um sinal do céu, Cristo não lhes quis dar; mas, na sua transfiguração, para aumentar a fé dos discípulos, dá-lhes um sinal do céu, a saber, o descenso de Elias, do lugar para onde ascendera; e a ressurreição de Moisés, dos mortos. Mas não o devemos entender como significando que a alma de Moisés*

372 A.1

373 In Matth.

retomasse o seu corpo; mas que a sua alma se manifestou, como o fazem os anjos, por um corpo assumido. Mas Elias apareceu com o seu próprio corpo, não vindo do céu empíreo, mas de um lugar elevado, para o qual foi arrebatado num carro de fogo (cf. 2Rs 2, 11).

RESPOSTA À TERCEIRA. — Como diz Crisóstomo³⁷⁴, *Moisés e Elias foram trazidos como testemunhas, por muitas razões.* — A primeira é a seguinte: *Porque como as turbas consideravam-no como Elias ou Jeremias, ou um dos profetas, fez aparecer os principais dos profetas, para ao menos assim manifestar a diferença entre os servos e o Senhor.* — A segunda razão é, *porque Moisés deu a lei e Elias foi o zelador da glória do Senhor.* Assim, aparecendo simultaneamente com Cristo, ficava aniquilada a calúnia dos judeus, que *acusavam a Cristo de transgressor da lei, e de blasfemo por usurpar para si a glória de Deus.* — A terceira razão é: *mostrar que tinha poder sobre a vida e a morte, que era o juiz dos mortos e dos vivos, por ter tido ao seu lado Moisés, que já morrera, e Elias, ainda vivo.* — A quarta razão é que: como diz o Evangelho (Lc 9, 31) *falavam da sua saída deste mundo que havia de cumprir em Jerusalém, isto é, da sua paixão e da sua morte.* E assim, *para fortalecer, nesse ponto, a alma dos discípulos, fá-los se apresentarem em sua companhia os que se expuseram à morte por Deus; pois, Moisés, com perigo de morte, se apresentou perante o Faraó e Elias, perante Acab* (cf. Ex 5; 1Rs 18). — A quinta razão é *porque queria que os seus discípulos fossem imitadores da mansidão de Moisés e do zelo de Elias.* — A sexta razão, acrescentada por Hilário, era mostrar que foi anunciado pela lei de Moisés e pelos profetas, entre os quais era Elias o principal.

RESPOSTA À QUARTA. — Mistérios sublimes não devem ser revelados a todos imediatamente mas devem oportunamente chegar aos outros homens por meio dos chefes. Por isso, como diz Crisóstomo,

374 In Matth.

Cristo levou consigo os três discípulos mais principais: Pois, Pedro foi executado pelo amor, que teve para com Cristo e também pelo poder que lhe foi cometido; João, pelo privilégio do amor com que, por causa da sua virgindade, era amado de Cristo, e também pela prerrogativa de ter pregado a doutrina Evangélica: e Tiago enfim, pela prerrogativa do martírio (cf. At 12, 2). E contudo Cristo não quis que esses mesmo surreiciassem, o que viram antes da sua resurreição. A fim de como explica Jerônimo, *fato de tão grande magnitude não ser tido como incrível; nem viesse, depois de tão grande glória, a causar escândalo, entre algumas rudes, a cruz, que lhe havia de suceder; ou também a fim de o povo não se lhe opor invencivelmente; e para que, quando estivessem cheios do Espírito Santo, então fossem testemunhas desses fatos espirituais.*

Art. 4 — Se convenientemente se acrescentou o testemunho da voz paterna que dizia: Este é o meu filho dileto.

(In Mt. 17)

O quarto discute-se assim. — Parece que se acrescentou inconvenientemente o testemunho da voz paterna que dizia (Mt 17, 5): *este é o meu filho dileto.*

1. — Pois, como diz a Escritura (Jó 33, 14), *Deus fala uma vez e segunda vez não repete uma mesma causa.* Ora, no batismo, isso mesmo o proclamara a voz paterna (cf. Mt 3, 17). Logo, não era conveniente que ainda fosse de novo proclamado na transfiguração.

2. Demais. — No batismo, simultaneamente com a voz paterna apareceu o Espírito Santo em forma de pomba (cf. Mt 3, 16). O que não se deu na transfiguração. Logo, parece não devia ter havido a proclamação do Pai.

3. Demais. — Cristo começou a ensinar depois do batismo (cf. Mt 4, 17). E contudo no batismo a voz do Pai não veio advertir os homens a ouvi-lo. Logo, nem o devia ter feito na transfiguração.

4. Demais. — Não devemos dizer a outros o que não poderiam suportar, conforme aquilo do Evangelho (Jo 16, 12): *Eu tenho ainda muitas coisas, que vos dizer, mas vós não nas podeis suportar agora.* Ora, os discípulos não podiam suportar a voz do Pai, pois, diz o Evangelho (Mt 17, 6): *Ouvindo isto, os discípulos caíram de braços e tiveram grande medo.* Logo, a voz paterna não se lhes devia manifestar.

Mas, em contrário, a autoridade da Escritura Evangélica (cf. Mt 17, 5; Mc 9, 6; Lc 9, 34).

SOLUÇÃO. — A adoção de filhos de Deus supõe uma certa conformidade entre a imagem e quem é realmente Filho de Deus. O que de dois modos se dá. Primeiro, pela graça, conferida nesta vida; que é uma conformidade imperfeita. Segundo, pela glória da pátria, que será a conformidade perfeita, segundo aquilo do Evangelho (1Jo 3, 2): *Agora somos filhos de Deus e não apareceu ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele aparecer, seremos semelhantes a ele; porquanto nos outros o teremos bem como ele é.* Ora, como recebemos a graça pelo batismo, e a transfiguração foi um prenúncio do esplendor da glória futura, por isso, tanto no batismo como na transfiguração foi conveniente manifestar-se a filiação natural de Cristo, pelo testemunho do Pai. Por que só o Pai é perfeitamente cômico dessa perfeita geração, simultaneamente com o Filho e o Espírito Santo.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — O lugar citado deve ser referido à eterna locução de Deus, pela qual Deus Padre proferiu o Verbo, coeterno consigo. E contudo podemos dizer que Deus, com voz material, proferiu duas vezes o mesmo verbo, mas não com o mesmo fundamento; mas para mostrar o modo diverso pelo qual os homens podem participar da semelhança da filiação eterna.

RESPOSTA À SEGUNDA. — No batismo quando foi anunciado o mistério da primeira regeneração, manifestou-se a obra de toda a Trindade, porque aí se manifestou

o Filho encarnado, apareceu o Espírito Santo em figura de pomba e o Pai se anunciou verbalmente. Assim também na transfiguração, que é o sacramento da segunda regeneração, toda a Trindade manifestou-se — o Pai, pela voz; o Filho, pela sua humanidade; o Espírito Santo, pela nuvem luminosa. Porque, assim como, no batismo dá a inocência, designada pela simplicidade da pomba, assim na ressurreição dará aos eleitos o esplendor da sua glória e a libertação de todo mal, simbolizados pela nuvem lúcida.

RESPOSTA À TERCEIRA — Cristo veio nos dar a graça atual, mas só prometer a glória, com a sua palavra. Por isso e convenientemente na transfiguração os homens são advertidos a ouvi-lo, não porem no batismo.

RESPOSTA À QUARTA. — Foi conveniente os discípulos se aterrorizarem com a voz do Pai e se prosternarem, a fim de ficar assim claro que a excelência dessa glória que então se manifestava, excede toda a compreensão e toda a capacidade dos mortais, segundo aquilo da Escritura (Ex 33, 20): *Nenhum homem me verá e depois viverá*. E por isso diz Jerônimo³⁷⁵, *que a fragilidade humana não pode suportar o esplendor de uma tão grande glória*. Mas Cristo nos cura dessa fragilidade, introduzindo-nos na glória. O que significam as palavras que lhes disse (Mt 17, 7): *Levantai-vos e não temais*.